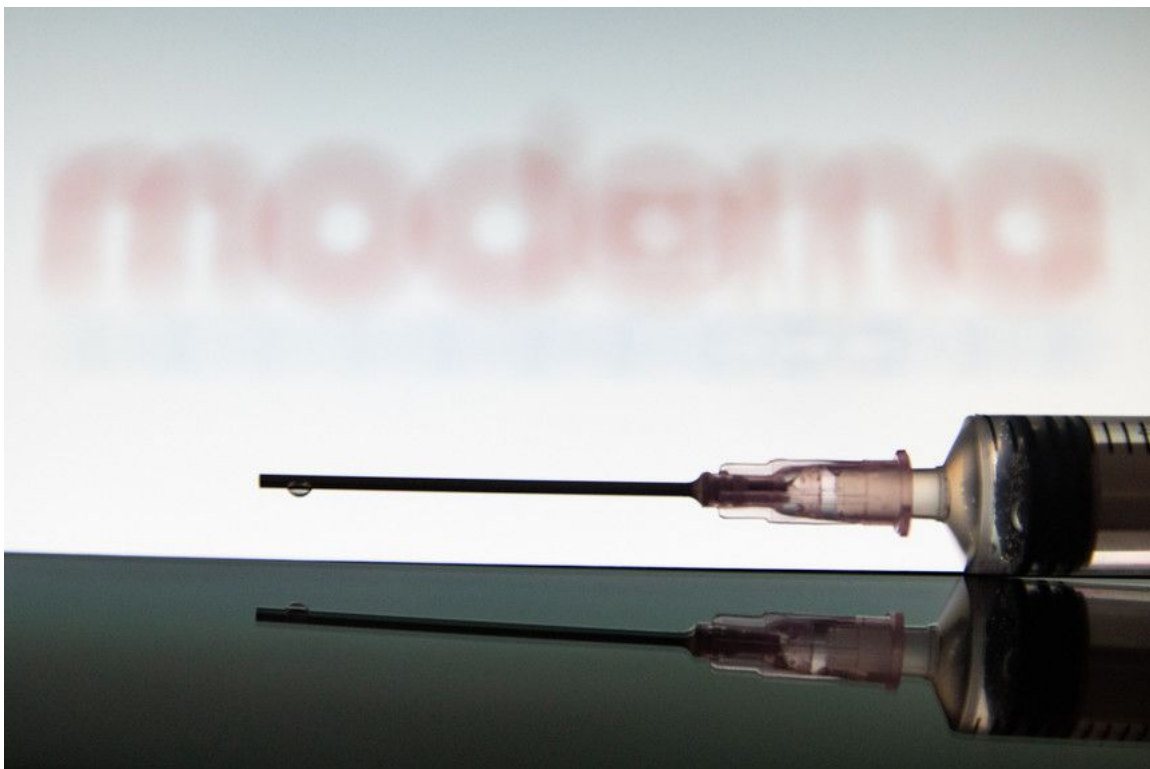


Um “estudo heróico”: vacinas da Pfizer e Moderna dão proteção “duradoura” contra a covid-19 (ao ponto de pôr em causa reforço da vacina)



Vacina da Moderna deverá ser a segunda a ser aprovada nos Estados Unidos, depois da da Pfizer-BioNTech. É mais um passo para solucionar um “momento presente de urgência”

Nurphoto

Outros trabalhos científicos já têm confirmado que as vacinas perduram, mas um estudo publicado esta segunda-feira na revista Nature analisou pela primeira vez a casa onde os anticorpos contra a covid-19 são produzidos: as células germinais, assim se chama a casa, mantêm-se ativas e capazes de combater o vírus durante quatro meses - e isso normalmente não acontece, o que significa que a proteção pode ir além desse período. No entanto, ainda não é possível decretar o fim da pandemia: é preciso “prudência” e mais tempo para que a ciência faça o seu trabalho

29 JUNHO 2021 16:15

Tiago Soares

Jornalista

Trata-se de um “estudo heróico”: estas palavras foram ditas ao jornal “The New York Times” por Akiko Iwasaki, um imunologista da Universidade de Yale, e referem-se a um trabalho [publicado esta segunda-feira na revista Nature](#) cujas conclusões indicam isto: é bastante provável que as vacinas da Pfizer e da Moderna contra a covid-19 produzam uma imunidade bastante duradoura contra o vírus da pandemia.

O estudo levado a cabo por vários investigadores de universidades norteamericanas juntou 41 pessoas, incluindo oito que já tinham estado infetadas com o SARS-COV 2. Foram monitorizados os níveis de anticorpos produzidos até 15 semanas depois da toma destas duas vacinas, tendo sido concluído que estes se mantêm extremamente elevados. “São muito boas notícias. Não é uma prova categórica, mas sim uma indicação forte de que estas vacinas que utilizam a tecnologia

mRNA produzem uma resposta imunitária duradoura e eficaz”, corrobora Miguel Prudêncio, imunologista do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa. Na prática, isto pode significar que eventuais reforços das vacinas - como uma vacina anual contra a covid-19 - não serão necessários.

“O facto de as reações [nas células germinais] continuarem durante quase quatro meses é muito, muito bom sinal”, afirmou Ali Ellebedy, imunologista da Universidade Washington, em St. Louis, e coordenador do estudo. Ainda assim, Miguel Prudêncio pede “prudência”: “Só será possível confirmar a real extensão da proteção destas vacinas através da passagem do tempo e da monitorização [das pessoas que participaram no estudo], para se perceber de facto por quanto tempo a resposta imunitária se mantém robusta”, aponta ao Expresso.

Nos últimos meses, têm sido publicados vários estudos internacionais que indicam a robustez dos anticorpos humanos após a infeção por covid-19, mas apenas dos anticorpos em circulação produzidos em resposta à infeção. Mas este trabalho agora publicado na Nature vai mais longe: em vez de medir os níveis de anticorpos em circulação, debruçou-se sobre os centros germinais, as células responsáveis por criarem esses anticorpos.

“O facto de os anticorpos nestas células continuarem a um nível tão alto após 15 semanas é muito bom sinal, porque normalmente os centros germinais atingem o seu pico uma ou duas semanas após a imunização, e depois começam a decrescer, baixando significativamente após quatro a seis semanas. E isso aqui não se verificou, o que nos dá uma base biológica e imunológica para afirmar que o decaimento habitual não está a acontecer, que os anticorpos se mantêm robustos durante muito tempo, e que estarão ativos e prontos caso seja necessário”, contextualiza Miguel Prudêncio.

Ou seja: confirmou-se que as vacinas da Pfizer e da Moderna protegem pelo menos durante as tais 15 semanas - quatro meses -, mas há razões para acreditar que essa janela temporal possa ser bastante maior. Mas

mais uma vez, o investigador do Instituto de Medicina Molecular pede que se evitem precipitações: “Não podemos dizer que isto mostra que as vacinas funcionarão para sempre. É evidente que daqui a um ano, dois anos, dez anos, quando estas pessoas vacinadas forem monitorizadas, vamos perceber se esta alta atividade [de anticorpos] se mantém”.

VACINA DA JOHNSON DEIXADA DE FORA, MAS COM BOAS PERSPETIVAS

Os especialistas concluíram ainda isto: mesmo que seja necessário um reforço da vacina da Pfizer ou da Moderna passado determinado tempo, “é mais provável que isso se deva ao surgimento de uma variante diferente do SARS-COV2 que escapa às vacinais atuais, do que propriamente devido ao decréscimo ou desaparecimento da imunidade oferecido por essas vacinas”, explica Miguel Prudêncio. “Embora com pequenas flutuações, as vacinas têm sido eficazes contra as variantes que têm aparecido”, lembra o especialista, mas isso pode não ser sempre assim. No entanto, mesmo nesse cenário, os dados do estudo norte-americano sugerem que as pessoas que já estiveram infetadas com o vírus estarão protegidas mesmo contra uma variante “radical” que eventualmente surja.

O estudo debruçou-se apenas sobre as vacinas da Pfizer e da Moderna (as duas com tecnologia mRNA), deixando de fora as vacinas da AstraZeneca e da Johnson & Johnson. No caso da AstraZeneca, isso deveu-se ao facto de a vacina britânica não estar a ser administrada nos Estados Unidos. No caso da Johnson & Johnson, a justificação é outra: o facto de esta vacina ser de apenas uma dose.

Mesmo assim, os cientistas responsáveis pelo trabalho especulam: é provável que a vacina da Johnson & Johnson não dê uma resposta tão duradoura como as da Pfizer e da Moderna, até porque “tratando-se de uma vacina de dose única, a comparação não é justa”, completa Miguel Prudêncio. No entanto, os especialistas sublinham: se esta vacina tiver o reforço de uma segunda dose, algo que todos os estudos até agora têm mostrado ser exequível, é possível que induza uma resposta semelhante às outras duas.

